

A Inserção da Mulher no Mercado de Trabalho Brasileiro

André Luis da Silva Baylão
andrebaylao@gmail.com
CEDERJ/FACSUM/UNITAU

Elisa Mara Oliveira Schettino
elisamos@uol.com.br
FACSUM

Resumo: Sempre que se busca entender o papel da mulher na sociedade, é necessário conhecer sua história, para então entender a formação de sua identidade, de seus grupos sociais, seu posicionamento no contexto familiar e no mercado de trabalho. A pesquisa bibliográfica desenvolvida através deste artigo pretende encontrar informações a cerca da atual situação da mulher no mercado de trabalho, bem como trazer informações sobre sua evolução histórica. A participação da mulher no mercado de trabalho tem crescido de forma considerável tanto no âmbito do trabalho autônomo quanto no de trabalho por conta-alheia. Neste estudo também serão apontados o crescimento do rendimento feminino de acordo com as modificações no mercado de trabalho e suas implicações na divisão de atribuições da renda familiar. As mulheres ao longo da história fizeram grandes transformações em sua vida familiar e na sociedade. Após séculos de trabalhos desumanos, até os dias atuais, quando é subjugada no mundo dos negócios, a mulher não deixa de lutar por seus ideais e para garantir seus direitos.

Palavras Chave: Evolução da mulher - história da mulher - mercado de trabalho - trabalho da mulher. -

1. Introdução

A entrada da mulher no mercado de trabalho ocorreu devido à necessidade de sua contribuição nos serviços que estavam ligados ao ganho financeiro da família, com início na Revolução Industrial absorvendo de forma importante a mão-de-obra feminina pelas indústrias com o objetivo de baratear os salários e também pela maior facilidade de disciplinar esse novo grupo de operárias, onde trazendo definitivamente, a mulher na produção.

Ao longo dos anos mudanças importantes têm ocorrido na participação das mulheres no mercado de trabalho. Este processo se consolida a cada dia deixando de ser apenas uma oscilação temporária, tornando o processo de incorporação do contingente feminino um fenômeno social contínuo e persistente (GARCIA & CONFORTO, 2012).

O aumento da atividade feminina na economia do Brasil, tem levado à um intenso crescimento da população ativa reduzindo o número de jovens do sexo masculino no mercado de trabalho.

Empregadores de todo o mundo investem nos valores femininos, com a facilidade em aceitar o desenvolvimento de trabalhos em equipe, o poder de convencimento levando a credibilidade de suas idéias, sem necessidade de autoritarismo, trabalho em forma de cooperativismo deixando de lado a competição, sem limites de cargos e salários, o que prejudica a produtividade de qualquer trabalhador.

Os meios tradicionais de sustento de uma família e a realização profissional e pessoal da humanidade no século XXI têm sofrido mutações diárias e cada vez mais freqüentes e constantes. As famílias de média e baixa renda têm a necessidade de ter tanto o homem quanto a mulher no mercado de trabalho para aumentar a renda familiar, que mesmo assim, em vários casos não é suficiente. De outro lado, temos a necessidade da afirmação das mulheres perante a sociedade, e por isso, hoje no Brasil temos 44,5% dos postos de trabalho das melhores empresas, conforme relata o Jornal Diário Popular, no artigo datado de 07 de março de 2009 de autor não informado. Durante os anos é certo que as necessidades pessoais e, gerais de uma sociedade se modificam, porém, o que vamos ver é uma realidade de inserção antes mesmo da Revolução Industrial de acordo com Toitio:

“O trabalho feminino passa a integrar crescentemente a estrutura econômica a sociedade capitalista, sempre sob a determinação mencionada, ou seja, submetida ao capital e a sua necessidade de valorização no entanto nas primeiras décadas do século passado era ainda muito superior a proporção do trabalho masculino em relação ao feminino na esfera produtiva”¹.

¹ TOITIO, R. D. . O trabalho feminino frente ao domínio do capital. In: III Simpósio Lutas Sociais na América Latina, 2008, Londrina. Anais do III Simpósio, 2008.

2. Avaliação Histórica

HOBSBAWN (2004) ressalta que a Revolução Francesa (1789), culminou com uma nova perspectiva do papel da mulher na sociedade. A partir daí as mulheres começaram a passar a atuar de forma importante na sociedade. Entre as mudanças, podemos destacar questões relativas à exploração e limitação de seus direitos, cujas características marcaram a atuação da mulher buscando a melhoria da vida e condições de trabalho, com o começo da participação política, o fim da prostituição, a busca à instrução e a procura da igualdade de direitos entre os sexos.

Para Lopes:

Outro ponto importante nas grandes conquistas e mudanças, foi ainda na segunda metade do século XVIII, com a vinda da Revolução Industrial, que acabou por absorver de forma importante a mão-de-obra feminina pelas indústrias, com o objetivo de baratear os salários, trazendo definitivamente, a inserção da mulher na produção(...). Encontraremos a presença de trabalhadoras assalariadas, em grande número e essenciais ao desenvolvimento da indústria têxtil. Mesmo com isto há uma busca pela negação da inclusão da mulher na classe trabalhadora, ontem e hoje.²

Segundo o Artigo 13, inciso I da Constituição Federal, “todos são iguais perante a lei”, porém as mulheres vêm tentando colocar em prática essa lei. Com as Guerras mundiais (I e II) as mulheres assumiram os negócios da família e uma posição de trabalho no mercado. Com o desenvolvimento industrial, muitas mulheres foram trabalhar em fábricas, se prevalecendo assim da lei, porém, a exploração seguiu por muito tempo.

Ao ocorrer a Revolução Industrial, houve a exploração de mão-de-obra, sendo o tempo controlado não pelos artesãos, pelos donos da indústria. Os trabalhos das mulheres e das crianças foram muito importantes para as fábricas, pois diminuía os esforços executados como também os custos com os salários. As mulheres passam a serem totalmente exploradas nas fábricas tendo exceção nas horas de trabalho, salários muito baixos entre outros.

Para Zamariolli:

A mulher tinha que cumprir jornadas de trabalho de até 17 horas diárias em condições insalubres sendo submetida a humilhações e espancamentos, chegando a ter desvantagem salarial de até 60% em relação aos homens. Com este cenário de exploração e injustiça surgiram manifestações operárias, pela Europa e

² LOPES, C. L. E. 8 de março, Dia Internacional da Mulher – Uma data e muitas histórias. Disponível em <<http://www.ubmulheres.org.br/paginas/historia>> Acesso em 18 de setembro de 2012.

Estados Unidos, tendo como principal reivindicação a redução da jornada de trabalho para oito horas por dia.³

Na busca por uma nova postura de comportamento perante a sociedade e consciente de sua força e atos, em 1957, 129 operárias de uma fábrica de tecelagem em Nova Iorque entraram em greve, ocupando a fábrica para reivindicarem a redução de um horário de mais de 16 horas diárias para 10 horas. Estas, que trabalhavam por 16 horas diárias, recebiam um valor menor que um terço do salário dos homens. Essas trabalhadoras que estavam ali para resgatar seus direitos, foram fechadas no interior da fábrica onde, se declarou um incêndio que provocou a morte de todas carbonizadas.

A inserção da mulher no mercado de trabalho se deve também a dois acontecimentos que marcaram a história da humanidade, e modificou a vida das mulheres. Com as guerras os homens tinham que ingressar nas frentes de batalha e as mulheres passaram a assumir os negócios da família e a posição dos homens no trabalho.

Ao final das guerras, o resultado, tinha modificado a paisagem e a estrutura das sociedades mundiais, pois, com o regresso dos homens que lutaram pelo país, onde muitos dos que sobreviveram ao conflito foram mutilados e impossibilitados de voltar ao trabalho, outros ficaram com problemas psicológicos, e muitos outros foram excluídos da vida social das comunidades, entre outras coisas, resultando num novo tipo de sentimento e atitude por parte das mulheres. Nesse momento é que as mulheres novamente deixaram as casas e os filhos para levar para frente os projetos e os trabalhos realizados pelos maridos.(BALTAR E LEONE, 2008).

De acordo com Baltar podemos perceber que:

A partir do ano de 1980 visualizamos características distintas desde o ano de 1930 com as mudanças ocorridas no mercado de trabalho e economia tanto mundial quanto brasileira em conjunto com uma inflação alta e um processo de recessão econômica a população economicamente ativa aumentou de 39,6% para 43,3%, somente no período de 1979 e 1989. Esse aumento foi influenciado significativamente pela continuidade da entrada de mulheres no mercado de trabalho após 1970. Tanto que, ao final dos anos 80, mais de um terço da população economicamente ativa era composto por mulheres.⁴

³ ZAMARIOLLI, Marlene Mota. A Mulher na Política, disponível em< www.portal.santos.sp.gov.br.> Acesso em 08 de setembro de 2012

⁴ BALTAR, P.; LEONE, E. T. A mulher na recuperação recente do mercado de trabalho brasileiro. *Revista brasileira de Estudos Populacionais*, São Paulo, v.25, n.2, p. 233-249, jul/dez. 2008.

Com o passar dos anos as mulheres vieram crescendo o seu papel no mercado de trabalho, conquistando assim cada vez mais espaço no mercado de trabalho.

2.1. A mulher no mercado de trabalho

A entrada da mulher no mercado de trabalho também se deve ao desenvolvimento de métodos contraceptivos, como o uso do anticoncepcional, com as mulheres diminuindo a quantidade de filhos que queriam ter, se quisessem ter, quando e quanto tê-los, podendo se dividir entre a casa e o trabalho.

Segundo D^oAlonso:

As mulheres deixaram de ser apenas meras donas-de-casa e passaram a ser não somente mãe, esposa e também operária, enfermeira, professora e mais tarde, arquiteta, juíza, motorista de ônibus, bancária entre outras das mais diversificadas profissões, ocupando um cenário que antes era masculino.⁵

Com entrada do século XXI, as inovações tecnológicas, o capitalismo, e em si a globalização vemos a impulsão e especialização das mulheres para o mercado de trabalho. Hoje, podemos acompanhar cada dia mais nas lideranças de grandes empresas e em profissões técnicas mulheres ganhando espaços.

Segundo Teixeira (2005), nos últimos cinquenta anos o contínuo crescimento da participação feminina é explicado por uma combinação de fatores econômicos e culturais. “Primeiro, o avanço da industrialização transformou a estrutura produtiva, a continuidade do processo de urbanização e a queda das taxas de fecundidade, proporcionando um aumento das possibilidades das mulheres encontrarem postos de trabalho na sociedade”.

É necessário que a própria mulher entenda a necessidade de separar casa e o trabalho ou até mesmo vida pública e privada, valorizando então sua participação constante no complemento da renda salarial familiar, inclusive, em muito casos deixam de ser complementar para se tornarem a única renda que sua família tem mensalmente partindo do princípio de se analisar os grandes índices de abandono do lar por parte dos maridos e da falta de ensino e participação dos filhos em um mercado de trabalho, cada vez mais complexo para jovens que não tem experiência profissional.

Podemos então dizer, que a possibilidade concreta da relação complementar entre ambos os sexos, juntamente com a formação de um núcleo familiar democrático e formação da sociedade venham garantir a efetivação do clamor de uma sociedade justa que podem ser trilhados pela recente história cultural de nossa sociedade, juntamente, pela produção teórico-conceitual sobre as diferenças e uma melhor clareza sobre o processo de desigualdade entre bons trabalhadores e trabalhadores de sexo opostos que vem acontecer

⁵ D^o ALONSO, G.L. Trabalhadoras brasileiras e a relação com o trabalho: trajetórias e travessias. *Psicol Am Lat. México*. N.15, dez. 2008. Disponível em < [http:// www.inesc.org.br](http://www.inesc.org.br)> Acesso em 17 de setembro de 2012.

somente agora no início do novo século. Apesar então de não ser um fato é sim, uma tendência de se tornar justo anos a fio em busca de igualdade profissional.

O número de mulheres em cargos importantes cresceu bastante nas empresas. Provavelmente num futuro próximo o perfil etário da População Economicamente ativa feminina será igualado, pois há um crescimento da taxa de atividade para as mulheres em todas as faixas etárias (PROBST, 2005).

De acordo com as estatísticas há mais mulheres que homens no Brasil, por isso há mais empregos para elas, o que se deve também a maior dedicação destas para desempenhar suas funções.

2.2. O Diferencial da Educação

As mulheres se preocupam mais com sua formação profissional do que a maioria dos homens, por isso se destacam mais por sua diversidade e processos multifuncionais. Com a elevação dos níveis de escolaridade, as mulheres aumentaram as suas conquistas, como maior qualificação, facilitando ainda mais sua entrada no mercado de trabalho e a consolidação aos padrões menos prejudiciais para as mulheres. (AZEVEDO, FERNANDES & MENEZES, 2000).

Mesmo com todo o esforço feminino ainda há muito preconceito, o que atrapalha a ascensão profissional e um salário mais digno.

As mulheres vêm subindo em grandes corporações por causa da sua diversificação no grau de instrução.

2.3. A Mulher Brasileira no Mercado de Trabalho

Seu espaço na economia nacional está se ampliando pouco à pouco, já representa uma boa porcentagem ao total da força de trabalho. A mulher se tornou chefe de sua própria vida, deixando de ser apenas uma parte da família. Esse ingresso no mercado foi lento, porém sólido.

A participação da mulher no mercado de trabalho brasileiro aumentou consideravelmente a partir da década de 70, sendo maior aqui do que em muitos outros países de igual ou maior desenvolvimento mundial. Segundo D'ALONSO (2008), o Relatório sobre Desenvolvimento Humano do PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), de 1998, revelou que no Brasil as mulheres representavam 44% da força de trabalho, proporção essa superior à de países como o Chile (36,6%), Argentina (34,3%), Venezuela (42,1%) e México (38,4%), e até mesmo à de alguns países europeus, como Espanha (24,3%) e Grécia (26,5%).

O fortalecimento da participação no mercado de trabalho e aumento da responsabilidade no comando das famílias vem aumentando seu comando seu poder aquisitivo, o nível de escolaridade e redução da defasagem salarial que ainda existe em relação aos homens.

A mulher brasileira vem escrevendo sua história com base na taxa de flexibilidade e no aumento no nível de fecundidade e no aumento no nível de instrução da população feminina, devido a esse processo de evolução as mulheres estão consolidando sua posição

no mercado e adiando a maternidade, com menos filhos, as mulheres, hoje, podem conciliar melhor o papel de mãe e trabalhadora.

No trabalho por conta própria o emprego da mulher aumentou mais que do homem, enquanto o número de homens desempregados diminuiu. O emprego da mulher vem aumentando mais do que do homem devido a uma formalização das relações de trabalho, a elevada taxa de desemprego e o crescimento do emprego sem carteira vem sendo uma diferenciação do emprego feminino.

As empregadas domésticas facilitaram a vida de muitas outras mulheres na inserção da atividade econômica.

A participação feminina nos negócios familiares é mais frequente na forma de membro de família que auxilia o pequeno negócio. As mulheres diminuíram a taxa de desemprego e dividiram com os homens as oportunidades de emprego formalizado que foram sendo criados, reduzindo a importância relativa do serviço doméstico remunerado no emprego assalariado das mulheres.

Ainda há um longo caminho a ser percorrido pelas mulheres na direção de uma participação maior na atividade econômica.

2.4. Segregação Ocupacional Feminino

De uma forma geral, as diferenças de inserção no mercado de trabalho costumam ser justificadas pela diferenças em atributos produtivos entre os trabalhadores. Sendo assim, trabalhadores mais instruídos ou com mais experiência tendem a ocupar os melhores postos de trabalho pois possuem maior estoque do chamado “capital humano”. Ao analisar o caso do diferencial homem-mulher, pode se observar os seguintes aspectos: existe pouca distinção de experiência; as mulheres são significativamente mais escolarizadas e informadas; porém os homens têm obtido melhores condições de trabalho

A diferença na forma de inserção de mulheres e homens com mesmas características produtivas no mercado de trabalho pode ocorrer por três motivos. Primeiramente pelo custo de oportunidade do tempo utilizado para trabalhar pode diferir para homens e mulheres. Este é o caso se, por restrições socioculturais, biológicas ou de preferências homens e mulheres, valorarem de modo distinto a parcela de seu tempo gasta em atividades não-laborais (por exemplo, as mulheres com filhos recém-nascidos podem fazer questão de amamentá-los, por questões culturais os homens podem ter maior aversão a atividades domésticas etc.). Das diversas dimensões da inserção no mercado de trabalho, essa explicação deve afetar principalmente diferenças na propensão a participar do mercado de trabalho e na jornada de trabalho média entre homens e mulheres (GARCIA & CONFORTO, 2012).

O segundo ponto, seria nas diferenças salariais entre homens e mulheres, que podem ser fruto de discriminação pura e simples. A discriminação é definida precisamente como a observância de tratamento desigual para insumos de produção iguais. Parte do princípio de que sexo não é uma característica produtiva do indivíduo nem está correlacionada a outras características produtivas (BALTAR & LEONE,2008)

Homens e mulheres são substitutos perfeitos no processo produtivo. Desta forma, quaisquer diferenças de tratamento alheias às diferenças de preferências entre homens e mulheres pode ser chamada de discriminação. A discriminação, contudo, tende a desaparecer conforme as firmas adotem comportamento maximizador de lucros, uma vez que na presença de discriminação há sempre a possibilidade de que sejam contratados trabalhadores igualmente produtivos por salários menores. Dessa forma, é provável que ao longo do tempo a qualidade dos postos de trabalho femininos seja semelhante à dos homens. Credo nessa possibilidade, os resultados obtidos neste estudo podem ser interpretados também como um cenário plausível para um futuro próximo.

Por fim, as mãos-de-obra de homens e mulheres podem ser analisadas e interpretadas pelas firmas como diferentes fatores de produção. Nesse caso, a produtividade e a quantidade demandada de homens e mulheres com idêntico estoque de capital humano podem diferir segundo o grau de complementação entre um e outro e com os demais fatores de produção. Este argumento é controverso, porquanto possa ser interpretado como sexista. De fato, ainda que existam ocupações exclusivamente masculinas ou femininas, acredita-se que sejam parcela ínfima do total de vagas disponíveis, e que não afetem significativamente o mercado de trabalho.

Com a regulamentação pública do trabalho remunerado ocorreu sua recuperação como eixo da estrutura social. Essa constatação ressalta o papel da mulher na estruturação da vida. A mulher tem tido êxito no aumento de sua participação na atividade econômica. No Brasil, a participação das mulheres casadas e com filhos vem crescendo cada vez mais.

A maior participação das mulheres no trabalho fora de casa vem diminuindo sua segregação em vários tipos de ocupação. A segregação ocupacional das mulheres se concentra em poucos setores econômicos.

De acordo Bruschini & Lombardi:

Tradicionalmente as mulheres tem se ocupado com o trabalho doméstico, atividades sem remuneração e produções pra o consumo próprio e familiar. Porém, alguns nichos femininos são continuamente inclui-se a Enfermagem e o Magistério. De outro lado, as mudanças apontam na direção de um pólo oposto, no qual ocorre a expansão da ocupação feminina em profissões de nível superior de prestígio, como a Medicina, a Arquitetura, o Direito e mesmo a Engenharia, áreas até há bem pouco tempo reservadas a profissionais do sexo masculino. O movimento de ingresso das mulheres nessas áreas científicas e artísticas tem-se dado na esteira dos movimentos políticos e sociais deflagrados nas décadas de 60 e 70 do século XX. Aqui incluído o movimento feminista e da mudança de valores culturais deles decorrentes, que se refletiram, entre outras coisas, na expansão da escolaridade das mulheres e, em conseqüência, em seu ingresso maciço no ensino de 3º grau em uma gama mais ampla de carreiras universitárias.⁶

⁶ BRUSCHINI, C.; LOMBARDI, M.R. Trabalhadoras brasileiras dos anos 90: mais numerosa, mais velhas e mais instruídas. Disponível em < [http:// www.fee.rs.gov.br](http://www.fee.rs.gov.br) > Acesso em 13 de setembro de 2012.

2.5. Tendências no Mercado Brasileiro

O mercado de trabalho caracteriza-se por ter um crescimento da população economicamente ativa sem alterar as condições de atividade da população brasileira. O Brasil está passando por profundas transformações econômicas e culturais ao longo das três décadas, num processo que tem como uma de suas características a crescente valorização da mão-de-obra feminina no mercado de trabalho. A inserção das mulheres no mercado de trabalho melhora tanto quantitativamente, via aumento da taxa de participação feminina, como qualitativamente, através do acesso a melhores postos de trabalho, antes reservados aos homens.

2.6. Diferenças de Renda por Sexo

Apesar da população economicamente ativa feminina ter diminuído não acabou a separação das mulheres no trabalho. A segregação acontece com mais frequência no trabalho por conta-alheia, tendo uma grande participação no número de desempregados. A consolidação da participação da mulher no mercado de trabalho não se reflete somente na aproximação por sexo das taxas de participação, mas também na diminuição da diferença desproporcional entre homens e mulheres. No ano de 1981, o rendimento médio do trabalho da mulher era equivalente a 55,7 % do rendimento médio do trabalhador do sexo masculino e essa relação passou a ser de 70,6 em 2002.

O serviço doméstico remunerado no emprego assalariado das mulheres está diretamente ligado à desproporção do peso feminino no emprego sem carteira de trabalho.

Outro aspecto de separação das mulheres no mercado é diferença de renda, mesmo levando-se em conta o nível de escolaridade dos trabalhadores. As mulheres tem um nível de escolaridade bem superior a dos homens, porém, mulheres de família com condição com condição socioeconômica mais desfavorecida possuem uma participação limitada na atividade econômica e possuem menor grau de escolaridade.

A importância relativa do emprego formal é a maior para os homens devido à elevada representatividade do emprego sem carteira trabalho das mulheres com o mesmo nível de escolaridade. Em relação ao salário é fato comprovado que o nível de escolaridade determina a segregação das mulheres.

No trabalho autônomo o número de mulheres que ganham menos que um salário mínimo é maior, enquanto que os homens ganham acima deste valor.

Conclui-se que as mulheres com baixa escolaridade estão mais confinadas em ocupações mal remuneradas do que os homens, no caso de trabalho do que os homens, no caso de trabalho sem carteira de trabalho.

Já o caso do trabalho para mulheres com nível superior a separação das mulheres em ocupações de maior remuneração e a diferença de rendimento é menor.

2.7. O Poder do Dinheiro e o Trabalho Feminino

Desde o século passado que o trabalho feminino passou a fazer da sociedade capitalista. As relações de produção estão ligadas as relações de gênero; ou seja as relações entre homem e mulher. O responsável pelas atividades produtivas era o homem e a mulher se tornava dependente e sujeita ao marido.

Isso só se modificou no decorrer do século XX, pois até então a mulher era mais desqualificada em relação ao homem no quesito formação profissional, um outro avanço para a participação feminina foi a expansão do setor de serviços, o que gerava uma separação dos postos de trabalho de acordo com o sexo.

Com a entrada da mulher no mercado produtivo, houve uma necessidade do capital de diminuir o preço da força de trabalho.

Todo o processo de diminuição dos postos de trabalhos formais e estáveis visava também quebrar o poder das organizações de representação dos trabalhadores, a partir diminuição dos empregos ditos estáveis. Apesar de tantas mudanças ocorridas durante o passar do tempo não houve uma divisão igualitária entre homens e mulheres, evidenciando a persistência e reprodução de antigas discriminações,

A divisão sexual do trabalho é reforçada e apropriada pelo capital na medida em que o trabalho feminino é incorporado no processo produtivo sob condições precárias e deterioradas, só se diferenciando em categorias profissionais, à ascensão na carreira, à desigualdade salarial e ao acesso à qualificação.

3. Considerações Finais

Ao longo da história da humanidade as mulheres fizeram transformações importantes nos mais variados campos, mas sem dúvidas as principais ocorreram em sua posição na sociedade, deixando de apenas subordinadas a tarefas do lar, filhos e marido, para assumir cargos políticos, em empresas, nas mais diversas profissões, buscando o direito trabalhar e ter sua independência financeira.

Seguindo a tendência global, as mulheres serão líderes neste milênio. Espera-se que as mulheres superem os homens nos postos de trabalho, quebrando assim os moldes de era industrial. As mulheres ao longo da história fizeram grandes transformações nos mais variados espaços da sociedade, e luta cada vez mais por novas conquistas e garantia de direitos.

A evolução da condição da mulher tem alterado o comportamento geral, de homens e mulheres, no sentido de um equilíbrio maior na distribuição de funções, no trabalho e na vida em família.

Mesmo com toda a participação das mulheres no mercado de trabalho, elas ainda se encontram em atividades mais vulneráveis, recebendo rendimento menores que os

homens e apresentam maiores chances de ficarem desempregadas. É fundamental para a participação plena da mulher na atividade econômica que haja uma estruturação do mercado de trabalho que contribua para reduzir a segregação ocupacional das mulheres, diminuindo a ocupação de cargos de menor prestígio e remuneração.

A ampliação e a consolidação da participação plena das mulheres na atividade econômica vem ocorrendo num processo lento e adverso, devido as limitações da recuperação de mercado de trabalho e às dificuldades na evolução da redefinição dos papéis masculino e feminino nas esferas domésticas e extra domésticas .

A grande questão nesse momento é a busca para tentar reverter a desigualdade salarial ainda marcante em muitas profissões. As mulheres têm ganhado espaço e vem mostrando que podem ocupar qualquer cargo com autoridade, e continuar a reescrever sua história.

Durante este estudo podemos analisar diversas informações a cerca das mulheres, de escravas, mães sem expectativas a chefes de família, fortes e com ideais. Essa mudança de enfoque de vida só foi capaz devido a persistência em conseguir realizar seus sonhos, estudar, protestar, se sacrificar para serem ouvidas e conseguir seus direitos de trabalhadoras, talvez mais que isso guerreiras que buscam quebra tabus que as rotulam como frágeis, para o reconhecimento de sua indispensável participação na vida financeira de toda sociedade.

4. Referências

AZEVEDO,SÉRGIO g. de ; MENEZES,Wilson Ferreira e Fernandes,Cláudia Monteiro. Fora de lugar. Crianças e adolescentes no mercado de trabalho.Salvador:Associação Brasileira de Estudos do Trabalho(ABET),2000. Coleção teses e pesquisas, v.2

BALTAR, P.; LEONE, E. T. A mulher na recuperação recente do mercado de trabalho brasileiro. Revista brasileira de Estudos Populacionais, São Paulo, v.25, n.2, p. 233-249, jul/dez. 2008.

BRUSCHINI, C.; LOMBARDI, M.R. Trabalhadoras brasileiras dos anos 90: mais numerosa, mais velhas e mais instruídas. Disponível em< [http:// www.fee.rs.gov.br](http://www.fee.rs.gov.br) > Acesso em 13 de setembro de 2012.

D' ALONSO, G.L. Trabalhadoras brasileiras e a relação com o trabalho: trajetórias e travessias. Psicol Am Lat. México. N.15, dez. 2008. Disponível em < <http://www.inesc.org.br>> Acesso em 17 de setembro de 2012.

GARCIA, Lucia dos Santos e CONFORTO, Ecléia. A inserção feminina no mercado de trabalho urbano brasileiro e renda familiar. Disponível em <www.fee.tche.br/sitefee/download/jornadas/2/h7-03.pdf> Acesso em 10 de junho de 2012

HOBSBAWM, E. J. A Era das Revoluções 1789-1848. 18 ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2004.

HOFFMANN, R.; LEONE, E. T. Participação da mulher no mercado de trabalho e desigualdade da renda domiciliar per capita no Brasil:1981-2002. Nova Economia. Belo Horizonte. V.14, n. 2, p. 35-58, maio/ago, 2004.

LOPES, C. L. E. 8 de março, Dia Internacional da Mulher – Uma data e muitas histórias. Disponível em < <http://www.ubmulheres.org.br/paginas/historia>> Acesso em 18 de setembro de 2012.

PROBST, E.R. A Evolução da mulher no mercado de Trabalho. 2005. Disponível em: < <http://www.icpg.com.br/artigos/rev02-05.pdf> > Acesso em 05 de novembro de 2012.

SILVA, Glauce Cerqueira Corrêa da, SANTOS, Luciana Mateus, TEIXEIRA, Luciane Alves et al. A mulher e sua posição na sociedade -da antiguidade aos dias atuais-. *Rev. SBPH*. vol.8, n.2, p.65-76, dez. 2005.

TOITIO, R. D. . O trabalho feminino frente ao domínio do capital. In: III Simpósio Lutas Sociais na América Latina, 2008, Londrina. Anais do III Simpósio, 2008.

ZAMARIOLLI, Marlene Mota. A Mulher na Política, disponível em< www.portal.santos.sp.gov.br.> Acesso em 08 de setembro de 2012.